



AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM (AVAS) COMO INSTRUMENTOS DE SUPORTE AO ENSINO PRESENCIAL TRADICIONAL: UM ESTUDO DE CASO EM UM CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO

CASTRO¹, Rafael Fonseca de; CARBONI, Simone (orientadora)²

^{1,2} Curso de Pós-Graduação em Linguagens Verbais, Visuais e suas Tecnologias/IF-Sul
Praça Vinte de Setembro, 455 - Pelotas (RS) – CEP 96.015-360 - rafaelfdecastro@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Muito se tem debatido, muito se tem escrito, um pouco se tem posto em prática. Refiro-me à utilização das tecnologias – Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e Tecnologias Digitais Virtuais (TDVs) – na Educação. Trata-se de um tema polêmico dentro e fora da academia. Não precisamos voltar muito no tempo para lembrarmos das primeiras iniciativas de se utilizar o vídeo – televisão e videocassete - em sala de aula. Assim como vem ocorrendo hoje em dia, olhares desconfiados, e por muitas vezes pré-conceituosos, permeavam toda aquela situação. Hoje, a revolução tecnológica é maior. Toma conta, sem pedir licença, da sociedade. Na Educação, todavia, opiniões divergem acerca da utilização pedagógica das tecnologias. Respeitadas crenças e opiniões, sejam estas de ordem prática ou teórica, penso que a Educação não pode andar na contramão de uma evolução cultural natural e histórica que já faz parte fortemente de nossas vidas. Como defendi recentemente (CASTRO, 2008), penso que a Educação, a exemplo de outros setores da sociedade, deve usufruir do leque de possibilidades aberto pelas tecnologias – especialmente pelas áreas da Informática (*hardware* e *software*) e das Telecomunicações (redes de comunicação).

Partindo desta perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo investigar, a partir das impressões dos alunos, aspectos relacionados à utilização de um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) como suporte ao ensino presencial tradicional. Trata-se de um estudo de caso em uma turma de um curso de Pós-Graduação de uma instituição federal, que em uma disciplina do curso, utilizou um AVA paralelamente às aulas presenciais físicas tradicionais.

2. EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA: UM DIÁLOGO POSSÍVEL

Um novo tempo, um novo espaço e outras maneiras de pensar e fazer educação são exigidos na sociedade da informação. O acesso e o uso das novas tecnologias condicionam a reorganização dos currículos, dos modos de pensar, de gestão e das metodologias utilizadas na prática educacional. Para Kenski (2003), tais alterações resultam em mudanças radicais no ambiente educacional, tornando-se necessário considerar que o acesso e a utilização das tecnologias condicionam

os princípios e as práticas educativas e induzem relevantes alterações na (re)organização didático-curricular.

Entre todas as possibilidades criadas pelas TICs/TDVs, a internet é definitivamente uma das maiores. Acerca do efeito da internet na Educação, D'Ávila (2003) explica que a sua utilização tem gerado debates no que concerne ao avanço das abordagens pedagógicas. A velocidade no acesso, na circulação e na troca de informações e as possibilidades imponderáveis de navegação fazem da rede *web* um ambiente de aprendizagem dos mais intrigantes, tornando-se quase obrigatória a reflexão sobre as novas possibilidades educativas e o redimensionamento do papel de educadores e aprendizes.

Demo (2007) explica que, quando as pessoas estudam via internet, não se sentem distantes, ausentes. Muitas delas, ao contrário, veem nisso uma forma natural de presença. Ademais, valoriza-se cada vez mais esta forma grupal e interativa de aprendizagem - em especial, quando há um grupo composto por membros culturalmente diversos. Para D'Ávila (2003, p. 284), nesta perspectiva, "são os alunos, num ambiente compartilhado, os mestres de si mesmos". Para esta autora, a perspectiva colaborativa da internet pode resultar em conquistas importantes no processo de construção do conhecimento pelo alunado. Ela explica que, ainda que se questione a falta de contato físico entre os partícipes de um programa de estudo via internet, o estabelecimento de relações interpessoais positivas (espírito de interação, colaboração e solidariedade entre membros de uma comunidade), pode ser desencadeado mediante a utilização de instrumentos próprios para tal.

Na internet, essas relações possuem características próprias, como a desvinculação dos "aspectos sociais presenciais" e a versátil troca de informações entre os membros do grupo, propiciando o desenvolvimento de laços vinculados ao campo das ideias. Tais relações são possibilitadas por ambientes *on-line* disponibilizados, normalmente, em sites educacionais. Esses ambientes são conhecidos como AVA¹, LMS ou Plataforma, como será tratado, a seguir.

3. AMBIENTES E COMUNIDADES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM – AVAs/CVAs

Schlemmer (2005) acredita que os ambientes computacionais baseados na *web* podem propiciar que a inteligência do homem seja distribuída e se amplie numa coletividade por meio da constituição de redes de convivência, sendo essas redes possibilitadas pela criação de comunidades virtuais formadas não pela proximidade física, mas por assuntos de interesse em comum. Para esta autora, constitui-se assim um novo espaço relacional, com nova temporalidade, flexível, multissíncrono.

Quando se fala em AVA e CVA (Comunidade Virtual de Aprendizagem), é fundamental salientar que se tratam de conceitos distintos, mesmo que, algumas vezes, sejam utilizados como sinônimos - a existência de um ambiente virtual de aprendizagem nem sempre é prerrogativa de constituição de uma comunidade virtual de aprendizagem, isto é, pode haver ambientes virtuais propícios à aprendizagem que não se constituam, na prática, em CVAs.

Silva e Claro (2007) defendem que um AVA seja mais do que um simples espaço de publicação de materiais, de interações pré-definidas. Penso, assim como os referidos autores, que se trata de um espaço virtual onde professores e tutores estimulam atividades de interação, de comunicação e de discussões colaborativas

¹ Neste trabalho, optei por utilizar a nomenclatura AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem).

que cada contexto educacional demanda - um ambiente verdadeiramente propício à constituição de CVAs. Em um AVA, o professor pode disponibilizar conteúdos e proposições de aprendizagem e acompanhar o aproveitamento de cada estudante e de toda a turma. Os aprendizes, por sua vez, têm a oportunidade de estudar e de se encontrar a qualquer hora para interagir com os conteúdos propostos, com tutores, colegas e professores. Desta forma, cada aprendiz toma decisões, analisa, interpreta, observa, testa hipóteses, elabora, colabora. Sobre CVAs, Schlemmer (2004) explica que

são redes eletrônicas de comunicação interativa autodefinida, organizada em torno de um interesse ou finalidade compartilhados. Esse novo sistema de comunicação pode abarcar e integrar todas as formas de expressão, bem como a diversidade de interesses, valores e imaginações, inclusive a expressão de conflitos. Isso tudo devido à sua diversificação, multimodalidade e versatilidade (p. 2).

Schlemmer (2004) argumenta que uma comunidade virtual é um coletivo mais ou menos permanente, dependendo dos interesses dos participantes, que se organiza através de ferramentas oferecidas por um novo meio – um AVA. As comunidades se alimentam do fluxo, das interações, das inquietações, das relações humanas desterritorializadas, transversais, livres. Para esta autora, a constituição de CVAs favorece processos de aprendizagem relacionados à prática docente, bem como a realização da tomada de consciência dos sujeitos sobre como ocorrem suas aprendizagens, pelo fato desses se sentirem participantes ativos de uma comunidade.

A partir do já referido avanço tecnológico atual, inúmeras ferramentas computacionais voltadas à Educação foram propostas e desenvolvidas em todo o mundo. Rocha (2002) acrescenta que algumas obtiveram mais sucesso e passaram a ser exploradas comercialmente, enquanto outras permanecem em uso restrito nas instituições que as desenvolveram. Tornaram-se mais populares os seguintes ambientes: *WebCT*, *WebQuest*, *AulaNet*, *Lotus Learning Space* e o *Moodle*.

No Brasil, são recentes as experiências com AVAs e, conseqüentemente, com CVAs. O AVA que atingiu maior visibilidade e utilização por parte do meio acadêmico foi o Ambiente TelEduc – e mais recentemente o *Moodle*. Rocha (2002) explica que o TelEduc é um ambiente que teve como meta inicial a formação de professores para a Informática na Educação. Seu desenvolvimento teve início em 1997, a partir de uma proposta de dissertação de mestrado. A partir do resultado de diversos trabalhos desenvolvidos pelo Núcleo de Informática Aplicada à Educação (NIED) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), o ambiente cresceu e se solidificou. Sua primeira versão como *Software Livre* foi disponibilizada em 2001, passando o TelEduc a ser utilizado por inúmeras instituições públicas e privadas.

4. METODOLOGIA DE PESQUISA

Quanto ao seu caráter geral, esta pesquisa se enquadra no grupo das investigações qualitativas e, com base em seus objetivos, trata-se de um Estudo de Caso, na qual, segundo Gil (1999), o pesquisador explora em profundidade um programa, um fato, uma atividade, um processo ou uma ou mais pessoas.

Os sujeitos da pesquisa serão todos os alunos de uma turma de um curso de Especialização - vinculado a um programa de pós-graduação de uma instituição federal da cidade de Pelotas – que manifestarem interesse em contribuir com a investigação, mediante autorização pessoal para tal. Para poder capturar a riqueza

dos detalhes e dos pontos de vista dos participantes, os dados serão coletados por meio de entrevistas e observações. Segundo Gil (1999), a entrevista utilizada será do tipo semi-estruturada, combinando perguntas fechadas (ou estruturadas – utilização de um roteiro) e abertas.

As entrevistas serão realizadas em datas e horários estipulados segundo a disponibilidade de cada sujeito e as observações ocorrerão durante o período de realização de atividades no ambiente TelEduc. O foco das entrevistas e das observações será o de investigar aspectos relacionados à contribuição pedagógica da utilização de um AVA como suporte ao ensino presencial tradicional, a partir do ponto de vista dos alunos.

Os dados coletados serão submetidos a uma Análise de Conteúdo realizada a partir de categorias estabelecidas previamente – categorias teóricas – e de categorias emergentes dos próprios dados – categorias empíricas – estabelecidas durante o processo analítico (MINAYO, 1993).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por tudo o que foi apresentado, penso que a perspectiva de utilização de AVAs como suporte a práticas pedagógicas presenciais tradicionais, constitui-se em um cenário que representa uma abordagem sintonizada com a cultura da sociedade da informação, na busca por uma sociedade do conhecimento. Abordagem que avança em relação a cursos tradicionais que, muitas vezes, se baseiam unicamente na disponibilização unidirecional de conteúdos. A realização desta pesquisa parte desta hipótese, colaborando, contudo, independente de seus resultados empíricos vindouros, com a discussão acerca da relação Educação-tecnologia.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTRO, Rafael F. de. Aprendizagem e Trabalho Colaborativo na **Educação a Distância**. 2008. 124f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.
- D'ÁVILA, Cristina Maria. Pedagogia Cooperativa e Educação a Distância: Uma aliança possível. **Educação & Contemporaneidade**, São Paulo, v.12, n.20, p.273-297, 2003.
- DEMO, Pedro. Marginalização Digital: Digital Divide. **Boletim Técnico do Senac: a revista da educação profissional**, Rio de Janeiro, v.33, n.2, p.5-19, 2007.
- GIL, Antonio C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5^a.ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- KENSKI, Vani M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 3.ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 2.ed. São Paulo - Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1993. 270p.
- ROCHA, H. V. Projeto TelEduc: Pesquisa e Desenvolvimento de Tecnologia para Educação à Distância. In: IX Congresso de Educação a Distância da ABED, 9., 2002, São Paulo. **Anais do...** São Paulo: ABED, 2002, 72p.
- SCHLEMMER, E. A Aprendizagem em Mundos Virtuais: Viver e Conviver na Virtualidade. In: Congresso Internacional de Educação: A Educação nas Fronteiras do Humano, 1., 2005, São Leopoldo. **Anais do...** São Leopoldo, 2005, 16p.

SCHLEMMER, E. Comunidades Virtuais de Aprendizagem: possibilidades para repensar práticas didático-pedagógicas. In: V ANPESul: Seminário de pesquisa em educação da região sul, 5., 2004, Curitiba. **Anais do...** Curitiba, 2004, 16p.

SILVA, Marco; CLARO, Tatiana. Docência Online e a Pedagogia da Transmissão. **Boletim Técnico do Senac: a revista da educação profissional**, Rio de Janeiro, v.33, n.2, p.81-89, 2007.